

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DO CURSO DE FILOSOFIA**

CARLOS DIOGENNES TAVARES DA COSTA

**OS IDEAIS FORMATIVOS DE PLATÃO PARA A EDUCAÇÃO:
Reflexões a partir dos conceitos fundamentais na obra “*A República*”**

**João Pessoa
2021**

CARLOS DIOGENNES TAVARES DA COSTA

**OS IDEAIS FORMATIVOS DE PLATÃO PARA A EDUCAÇÃO:
Reflexões a partir dos conceitos fundamentais na obra “*A República*”**

Monografia de graduação apresentada ao Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Filosofia. Orientador: Prof. Dr. Gilfranco Lucena dos Santos

João Pessoa
2021

CARLOS DIOGENNES TAVARES DA COSTA

**OS IDEAIS FORMATIVOS DE PLATÃO PARA A EDUCAÇÃO:
Reflexões a partir dos conceitos fundamentais na obra “A República”**

Monografia, apresentado à UFPB, como parte das exigências para obtenção do título de bacharel em filosofia

João Pessoa, 23 de julho de 2021

Aprovada em: 16/07/2021 Nota: 9,0 (nove)

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Gilfranco Lucena dos Santos (Orientador)

Prof. Dr. Francisco de Assis Vale Cavalcante Filho (1º Examinador)

Prof. Dr. Daniel Figueiras Alves (2º Examinador)

Catálogo na publicação Seção de Catalogação e Classificação

C838i Costa, Carlos Diogenes Tavares da.

Os ideais formativos de Platão para a educação: reflexões a partir dos conceitos fundamentais na obra "A República" / Carlos Diogenes Tavares da Costa. - João Pessoa, 2021.

46 f.

Orientador: Gilfranco Lucena Santos.

Monografia (Graduação) - Universidade Federal da Paraíba/Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, 2021.

UFPB/CCHLA

CDU 141.131

— [Os filósofos] Depois de terem visto o bem em si, usá-lo-ão como paradigma, para ordenar a cidade, os particulares e a si mesmos, cada um por sua vez, para o resto da vida, mas consagrando a maior parte dela à filosofia; porém, quando chegar a vez deles, agüentarão os embates da política, e assumirão cada um deles a chefia do governo, por amor à cidade, fazendo assim, não porque é bonito, mas porque é necessário.

Platão

AGRADECIMENTOS

À Deus, que me deu força e ânimo para vencer este desafio.

À minha família progenitora (Mãe, Pai, Irmã) e à minha comunidade de fé (Congregação dos Missionários da Sagrada Família), cujos irmãos me ajudaram e me apoiaram.

Aos amigos de curso, no qual faço memória a Clayton Tomaz de Souza (Alph) e aos vários professores que faço memória, na pessoa de também professor.

Ao Prof. Dr. Giovanne Queiroz, por toda a partilha e motivação de conhecimento ao longo de nossa convivência.

Ao meu orientador Prof. Dr. Gilfranco Lucena dos Santos, por toda ajuda e compreensão ao longo da construção da pesquisa.

RESUMO

A presente monografia visa abordar os ideais formativos de Platão para a educação apresentados na obra “A República”, bem como os conceitos fundamentais para a boa formação do cidadão em seu exercício na pólis. O trabalho constará de três capítulos: no primeiro trarei a discussão em torno da crítica aos poetas, e de como não se recomenda aos jovens ouvir estes contos que, nos qual traz uma louvação dos feios ideias e perfeitos e inatingíveis – para o cidadão comum – criadas pelos poetas. Além disso, o capítulo trará a discussão do quanto é importante ter uma educação que traga equilíbrio entre a alma e o corpo, o que só seria possível através da música e da ginástica. No segundo capítulo a discussão resgatará o esquema da linha dividida entre o âmbito inteligível e âmbito sensível, e as disciplinas necessárias para se atingir uma boa formação cidadã. No terceiro capítulo será apresentada a importância dos modelos do percurso educacional platônico, não na tentativa de comparar mas sim de apresentar onde esses modelos se replicam, uma vez que Platão traz a ludicidade com a matemática e música, como uma prática disciplinar, e a ginástica e a academia para o corpo.

Palavras-Chave: Platão, Educação, Modelos.

ABSTRACT

This monograph aims to address Plato's formative ideals for education presented in “The Republic”, as well as the fundamental concepts for the good education of citizens in their exercise in the polis. The work will consist of three chapters: in the first I will bring the discussion around the criticism of poets, and how young people are not recommended to listen to these tales which, in which it brings a praise of ugly ideas and perfect and unattainable - for the common citizen - created by poets. In addition, the chapter will discuss how important it is to have an education that brings balance between the soul and the body, which would only be possible through music and gymnastics. In the second chapter, the discussion will rescue the outline of the divided line between the intelligible and the sensitive realm, and the disciplines necessary to reach a good civic education. In the third chapter, the importance of the models of the Platonic educational path will be presented, not in an attempt to compare but to show where these models are replicated, since Plato brings playfulness with mathematics and music, as a disciplinary practice, and gymnastics and the gym for the body.

Keywords: Plato, Education, models.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	A CRÍTICA DE PLATÃO À FORMAÇÃO DO HOMEM GREGO ATRAVÉS DA POESIA	11
2.1	A EDUCAÇÃO PELA POESIA E EDUCAÇÃO PELA MÚSICA	11
2.2	A EDUCAÇÃO PARA A ALMA E PARA O CORPO	15
2.3	A PERSPECTIVA “DOCTRINADORA” DA POESIA	17
3	O PROGRAMA FORMATIVO PLATÔNICO IDEAL	21
3.1	O BEM	21
3.2	IMAGENS QUE SÃO PORTAS PARA UM CAMINHO	25
3.2.1	ANALOGIA DO SOL	25
3.2.2	ESQUEMA DA LINHA DIVIDIDA/ E A CONEXÃO COM ANALOGIA DO SOL	27
3.2.2	ALEGORIA DA CAVERNA	29
3.2	DISCIPLINAS	31
4	ELEMENTOS FUNDAMENTAIS DA PEDAGOGIA PLATÔNICA PARA A PRÁTICA EDUCATIVA	33
4.1	REFLEXÕES SOBRE O PAPEL DA GINÁSTICA, COMO EDUCAÇÃO PARA O CORPO, NA PRÁTICA EDUCATIVA SEGUNDO PLATÃO.	35
4.2	REFLEXÕES SOBRE O PAPEL DA MÚSICA, COMO EDUCAÇÃO PARA A ALMA, NA PRÁTICA EDUCATIVA SEGUNDO PLATÃO	37
4.3	AS CIÊNCIAS MATEMÁTICAS COMO PROPEDEÚTICA PARA A FILOSOFIA	39
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
	REFERÊNCIAS	44

1. INTRODUÇÃO

Esse trabalho tem como objetivo identificar qual a crítica de Platão sobre a formação do cidadão de sua época e delinear suas propostas pedagógicas demorando o seu itinerário de estudos refletir, a partir da obra *A República*, os conceitos fundamentais do ideal pedagógico que Platão apresenta para a formação do cidadão grego e pertinentes à prática educativa, descrevendo em que consta este processo formativo. A motivação deste estudo encontra-se em elucidar como este programa se estabelece ao longo dos livros III, VI, VII e X, nos quais Sócrates apresenta o ideal necessário para a formação do cidadão grego.

Conjecturamos que Platão fale pela boca de Sócrates, seu mestre, que se torna o principal interlocutor do diálogo *República*. A narrativa formulada em diálogos apresenta vários personagens importantes, como Trasímaco da Calcedônia, logo no início da obra, um sofista que partilha com Górgias a honra de ter sido criador da prosa artística. Em seguida, prossegue com um diálogo entre Sócrates, Gláucon e Adimanto, sendo estes dois últimos os irmãos mais velhos de Platão. Ao longo da obra, vão sendo apresentados os ensinamentos sobre como conduzir bem a pólis, com o intuito de libertá-la de um tirano, para torná-la uma República bem governada, tendo em vista o alto preço da liberdade.

Platão não aparece nos diálogos. Ele procura pensar os diálogos dentro das ideias fundamentais, mas ele tem consciência dos seus limites, posto que reconhece não ter condições de expor todas as definições, tendo cautela ao não induzir o pensamento dos interlocutores, nem inferir conceitos equivocados. Sendo assim, ele coloca seus pensamentos na boca de Sócrates, o Pensador ideal, justamente porque se coloca como “o que nada sabe” e em nenhum diálogo ele se coloca como um grande pensador.

Para situarmo-nos um pouco sobre a atmosfera do autor. Platão foi primeiro discípulo de Cratilo (cf. Aristóteles, *Metafísica*, A6, 987 a), que era um heraclítico, depois foi discípulo de Sócrates¹, que ensinava no Liceu e nos Jardins de Atenas, fora dos muros da Cidade. Sócrates morreu em 399 a.C., e Platão seguiu com outros de seus discípulos para Mégara (Cf. Diôgenes Laértios, *Vitae*, III,6), viajando depois pela região do Egito, Itália e Sicília, chegando a estas duas últimas por volta de 389 a. C.(cf. LOPES, 2017, p.12). Foi convidado por Dion, que era cunhado de Dionísio I, rei-general tirano da corte de Siracusa na Sicília (Cf. Irwin *in*

¹ De acordo com Diôgenes Laércio Platão tornou-se discípulo de Cratilo depois da morte de Sócrates (Cf. Diôgenes Laértios, *Vitae* III, 6).

SANTOS & MAIA JR.,2008 p.7). Platão trouxe alguns ensinamentos sobre como conduzir bem a pólis que não foi muito bem visto pelo governante. Platão trazia sempre em seus ensinamentos a necessidade de um governo justo para a polis ao invés de um tirano. Dionísio não concordando com as suas ideias, o entrega à assembleia da cidade para ser julgado. Ele é vendido como escravo em Egina, lugar do seu nascimento, e, com o auxílio de um Cirineu, volta a Atenas (Cf. DIÔGENES LAERCIO, *Vitae* III,18-19).

Chegando em Atenas, Platão fundou a academia, em 388 a 387a.C., no jardim de Academus². Construiu sua casa ao lado do jardim, em frente ao Santuário dedicado às musas. Ele costumava dialogar com seus discípulos sobre os diversos temas ali debatidos (Cf. CORNELLI *in* CORNELLI & LOPES, 2018 p. 34-35). Para alguns estudiosos, a obra *República* teria sido escrita neste período, pelo menos os livros I, que foram organizados pelo próprio autor.

O caminho percorrido por este trabalho de conclusão de curso se constitui através de uma leitura de *A República* de Platão, especialmente os livros III e X, VI e VII, e de alguns comentadores como Maria Celeste Souza, Giovanni Reale, Werger Jaeger, por exemplo. Constrói-se aqui um diálogo dividido em três capítulos. No primeiro capítulo abordaremos a crítica que Platão faz ao uso da poesia, com base nos livros III e X, onde ele apresenta o motivo pelo qual a poesia é vista como algo doutrinante na Grécia antiga, e não é propriamente benéfica para a educação dos jovens. Aborda também a Ginástica e a Música, apresentadas a partir da leitura de sua época, e sua importância para o processo formativo do cidadão na pólis.

O Capítulo II é desenvolvido a partir dos livros VI e VII, abordando o caminho percorrido por Platão para mostrar em que consiste o seu programa formativo ideal, que, tendo em vista a ideia do bem como seu proposta do seu programa formativo uma vez que não tendo condições de defini-lo, parte das imagens que são portas para a compreensão do caminho educativo que conduz à compreensão da ideia do bem: a Analogia do Sol, o Esquema da Linha Dividida, e a Alegoria da Caverna; chegando a estabelecer as Disciplinas fundamentais do processo educativo conducente à formação filosófica que torna possível o acesso à ideia do bem. Todo este arcabouço, apresentado por Platão, contribuiria para a formação de um bom cidadão na polis.

No capítulo III serão apontados os elementos fundamentais da pedagogia platônica para a prática educativa, apresentando a Ginástica, a Música e a Matemática, esta última como propedêutica para a filosofia, como os fundamentos para a prática pedagógica em Platão.

² Por isso surgiu o nome de Academia, no qual as pessoas costumavam fazer atividades físicas, posto que ficavam fora da cidade, no Jardim de Academus.

Sendo assim, convidamos o leitor a adentrar nesse universo da educação para a formação do homem grego, que Platão traz ao longo da obra *A República*, e que é bastante relevante para a discussão filosófica.

2. CRÍTICA DE PLATÃO À FORMAÇÃO DO HOMEM GREGO POR MEIO DA POESIA

As questões fundamentais que norteiam este capítulo trazem à tona os elementos apresentados por Platão, nos Livros III e X da obra *A República*, em torno da crítica aos poetas e ao uso da poesia na formação dos cidadãos.

Ao longo da discussão apresentada no texto, trarei elementos em que o autor destaca a influência dos poetas que fazem com que os jovens aclamem com honra os feitos dos heróis, esquecendo a possibilidade de humanidade ali vivida pelos heróis, uma vez que os grandes feitos trazem a dificuldade. A educação está associada a alguns pontos: a formação pela poesia, pela música e pela ginástica.

A primeira parte do capítulo compara a educação pela poesia com a educação pela música, destacando que esta última consegue oferecer elementos que abastecem de forma mais completa e real o jovem grego. A segunda parte do capítulo aponta os elementos de complementariedade entre a educação pela música e pela ginástica, destacando que o equilíbrio entre ambas gera um equilíbrio entre a alma e o corpo do cidadão. A terceira parte retoma os poemas e sua possibilidade “doutrinadora”, fazendo com que o autor reconheça sua contribuição, mas pondera acerca de sua utilidade para a educação.

2.1 A Educação pela Poesia e Educação pela Música

Platão inicia o seu discurso no livro III da República levantando a discussão se, de fato, aqueles que narram e louvam os deuses, compreendem o que louvam; levantado a dúvida, esse louvor é verdadeiro. Até que ponto aqueles que contam os cânticos mitológicos – os poetas – narram sem transmitir as suas próprias emoções, ou sem levar aos ouvintes a busca da emoção do conto ou da narrativa? O autor levanta tais dúvidas, mas ele próprio tem a sabedoria de entender que estes versos são reais: “Temos de acreditar nela, até que alguém nos convença de que há outra melhor” (PLATÃO, 388e).

O autor apresenta essa discussão pronunciando que há um problema apaixonante para a sociedade no poema e nos contos poéticos, uma vez que são, para a maioria, diferentes da realidade que a vida na pólis deve ser. O fragmento abaixo descreve:

Tal como os morcegos no recesso de espantosa gruta
Esvoaçam aos gritos, quando algum cai da fila
Suspensa da rocha, e se seguram uns aos outros,

Assim elas partiam juntas, soltando pequenos gritos³
(ILÍADA, XXIII 100-101)

O Filósofo Platão cita esse fragmento para demonstrar o quanto a narrativa poética é doce de se escutar. Em detrimento de quanto mais poética, menos devem ser ouvidas por crianças e adultos, posto que tais narrativas podem colocar em risco a liberdade ideal imprescindível para Platão, uma vez que profere que se deve temer mais a escravatura do que a morte. Em busca desta liberdade “o homem” deve sempre rejeitar todas as figuras simbólicas, que só atrapalham a sua conquista. Para chegar a este espírito de liberdade ele necessita fazer o que ele chama de caminho de libertação, começando por eliminar todos os nomes terríveis que acabam aprisionando e trazendo em sua mente todas as confusões e dificuldades que estes contos trouxeram a compressão dos cidadãos

No fragmento 388b do Livro III, ele retrata que a sua crítica não recai sobre os contos poéticos em si, mas sim sobre a sua utilização como ferramenta de educação para todos os jovens. Uma das críticas reside no fato de que a poesia tende sempre a louvar os feitos heroicos e imortais dos grandes heróis, e nisso reside um problema. Platão traz à tona essa questão quando cita o exemplo de Aquiles ovacionado na Odisseia por Homero, com todas as características de perfeição, que vão além da razão humana, o que sempre leva os jovens a pensar em seus feitos como algo divino, e não como cidadão da pólis que lutou para defender a cidade.

Apesar da crítica Platão adverte que estes fatos narrados pelos poetas não devem ser retratados como piadas, uma vez que tais textos são dignos de respeito. Ele faz esta observação referindo-se aos jovens atenienses que caçoavam dos contos narrados. Alega que estes fazem parte da memória do povo grego e, como tal, estão inseridos na cultura da polis. Portanto, encontrar problemas nos contos, não significa minimizar sua importância.

Assim, o pensador reconhece que a comunicação dos contos poéticos é necessária para a transmissão cultural da cidade e, por isso, jamais deve ser relegada. Desse modo, torna-se mentira que, nesta finalidade, ela é inútil para os homens e útil para os deuses. Porém sugere que temos sempre que nos perguntar se há sentido em não narrar a humanidade dos heróis, questionar o porquê de encontrar nas narrativas, um teor de superioridade nelas. Faz-se necessário perceber a importância de se preservar, nas histórias, os fatos não heroicos: a

³ Neste fragmento da Ilíada quando Aquiles pretende abraçar Pátroclo e ele desfalece.

vingança e a falta da virtude, que só atrapalham os jovens; isto deve ser feito de modo que os leitores possam entender e se aprofundar no espírito a refletir o teor ali narrado.

A necessidade de se fazer a crítica aos poetas e pensadores reside no fato de que estes se utilizam de suas próprias ideias, colocando-as nos textos, para que o leitor crie a ilusão de que o personagem está falando, mas na verdade, é o poeta que fala. Quando ele profere um discurso, como se fosse a pessoa, possivelmente o ouvinte vai apreender que o tom proferido se assemelha em tudo com o herói narrado. Desta forma, podemos constatar que ambas as partes – os que narram e os que escutam – o fazem por meio da imitação. Para que a narração possa se dar de forma pura, é necessário que o poeta saiba qual parte se deve imitar, e de qual maneira deve ser feita (ou não) a narrativa.

Não se deve imaginar que ele será bom em ambas as coisas: narrar e imitar. Se o faz experiente na imitação, pode, sem dúvida, levar à natureza humana, por mais fragilizada que seja, em partes ainda menores; de modo que se torna incapaz de imitar bem, as atitudes humanas nas quais muitas destas coisas ele executar bem aquilo que a imitação propõe tendo em vista que as atitudes humanas não são capazes de imitar. O poeta sendo sempre um bom imitador, levará seus contos à ideia e à prática própria, não levando em consideração os leitores; uma vez que, ele vai imitar muito bem a honestidade e todos os outros sentimentos humanos. Mas através da imitação não será possível transmitir o que de fato a mensagem poética deve transmitir.

Mesmo em suas práticas, a honestidade, a paixão e tudo que lhe convém, abandonam aos poucos a necessidade de o ser só um orador e não o ser na sua prática cotidiana. Utiliza-se da harmonia e do ritmo da poesia, para explicar como pode levar a seu leitor a várias situações que atrapalham a compreensão do texto.

No passo 392a se inicia a narrativa que traz os grandes parentes de Zeus, seu sangue divino e sua ira sobre os homens. Esse tipo de narrativa, segundo o autor, não é a ideal para ser transmitida aos nossos jovens, dado que narrativas desse tipo podem desencadear uma propensão ao mal, que não é o ideal do homem. A necessidade da preocupação com o teor destes contos e a forma com a qual são narrados, é justamente porque no jogo da imitação sempre pode-se conduzir o ouvinte a alguma linha de decisão que pode ser propícia para o bem ou mal. A arte, em si, já pressupõe um modo de imitação, e a tentativa de conter a ideia de imitar o universo, é caráter do bom senso.

Na sequência dos passos 398a a 401e, Platão fala sobre a música, em suas várias formas de expressão, para explicar como os poemas cantados também têm uma estrutura

semelhante à música, na qual a melodia tem três elementos chaves: a palavra, a harmonia e o ritmo. Desse modo, estes mesmos elementos faziam-se presentes nas narrações dos mitos por parte dos poetas.

Quando o poeta afina as harmonias que seriam capazes de imitar convenientemente a voz e as inflexões de um homem valente na guerra e todas suas ações violentas – ainda que de forma mal sucedida – ele pode ovacionar os feitos do herói.

Platão passa a narrar as diferentes harmonias encontradas e produzidas pelos vários instrumentos, na tentativa de demonstrar o quanto ela se faz presente em tudo. Na verdade, o bom e o mau ritmo segue imitando aquele estilo bom e este o inverso. Do mesmo modo, sucede com a boa e a má harmonia, se adaptando à palavra dita e à palavra não dita (PLATÃO, 398d).

Deve-se sempre compreender que a boa qualidade do discurso, da harmonia, da graça, e do ritmo, dependem da qualidade do caráter mítico de quem o transmite. Está implícito que o poeta imita e não transmite, em si, a realidade projetada.

Não deveriam os jovens procurar apenas pelas qualidades que as narrações podem assim transmitir. As artes e ofícios estão cheios de belezas e das não belezas também. Os poetas devem ser forçados a introduzir – nos seus versos – a imagem de caráter bom, ou todos os artistas devem parar de produzir o que não é bom e o que não leva ao crescimento ou à maturidade humana, como os vícios e a baixaria.

É necessário sempre compreender o que é bom e o que não é bom, para que os jovens e os habitantes das cidades possam tirar proveito de tudo, a exemplo da música que para os gregos era a arte das musas na qual o som e as palavras não podem ser dissociados.

A música, por ser uma manifestação artística, penetra no fundo da alma e torna aquilo perfeito caso o ouvinte tenha sido educado para isso, adentrando no mais profundo mistério. No encontro com a música o homem recebe tudo e todas as imperfeições que trabalhou na conformidade natural, separando tudo e honrando sempre as coisas belas, tendo sempre em busca a perfeição. À medida que ele censura as coisas feias na busca desta perfeição – que, por sua vez, só se atinge com a educação necessária – na sua caminhada na vida ele vai atingindo a maturidade antes mesmo de ser capaz de raciocinar e chegando à idade adulta na qual se afirmaria, pois fora educado para isso.

Platão tende sempre a colocar que atingir o sentido da perfeição só é possível através da música. Demonstra que só com a profundidade estabelecida pela perfeição de conhecê-la, que se estabelece enquanto músico. Um cidadão se torna virtuoso na pólis, apenas na realização constante, repetitiva e aprofundada, de suas funções na cidade.

A partir do passo 402a, a discussão entra pela linha dos sentimentos. A música funciona, para um cidadão educado, como uma espécie de formação, atingindo o ápice ao compor um perfeito cidadão na pólis. Ao invés da poesia, a música deveria ser ensinada aos jovens, pois ela, pela arte, pode elevar a sua alma, e é possível separar a alma má da alma boa, pela excelência.

2.2 A Educação para a Alma e para o Corpo

Depois da música é a ginástica que deveria ser ensinada, para Platão, uma vez que a música contribui para a alma e a ginástica para o corpo. Ambas sendo usadas na formação dos jovens contribuíram para fazer com que esses futuros cidadãos chegassem ao exemplo na pólis, como descreve no fragmento abaixo:

Devem, pois, ser educados nela cuidadosamente desde criança, e pela vida afora, será mais ou menos assim, segundo penso examina tu também. A mim não me parece ser o corpo, por perfeito que seja, que, pela sua excelência torne a alma boa, mas, pelo contrário, a alma boa pela sua excelência permite ao corpo ser o melhor possível (PLATÃO, 401d-403d).

Como demonstra o texto acima, a defesa de Platão incide sobre a música e a ginástica como bens necessários para formar os jovens. Essas devem ocorrer não de forma separada, mas unidas, visando o fortalecimento da formação e excelência do cidadão. Ao passo que a simplicidade da música gera a temperança na alma, a ginástica gera a saúde do corpo.

A música contribui para o homem' na alimentação de sua alma, bem como os exercícios alimentam o seu corpo. Desse modo, o homem virtuoso se utiliza das duas para sua melhor formação. Se não houver equilíbrio entre ambas, será igual a uma cidade que pode ter um número absurdo de doentes, mas sem estrutura médica e com falta de educação eminente pode vir a atrapalhar os meios para encontrar a solução para esta problemática.

Sem a educação necessária e o equilíbrio – que só a formação educacional pode proporcionar – os jovens ficariam em plena desarmonia, pois viveriam a dualidade em constante conflito, os poetas narram sobre os feitos notáveis dos heróis que muitas vezes demonstraram as dores e as dificuldades que o homem, em sua natureza rude, era capaz de atingir. Por isso a necessidade de ensinar a música, pois ela, em sua harmonia, é capaz de atingir a alma; o equilíbrio viria com a ginástica tratando do corpo.

As doenças e as questões terminológicas apresentadas por Platão, a partir 406a, são uma forma de apresentar sua crítica aos poetas e seus contos, de forma que faz uma crítica à

própria medicina de Asclépio⁴ ele não traz nenhuma demonstração de conhecimento para se atingir a cura, uma vez que o medicamento utilizado na época não demonstra funcionamento para o mal. Utiliza-se desse procedimento pelo simples ato de fé, acreditando na cura.

Asclépio não se utilizava de medicina como Heródico, que acompanhava o doente em seu estado. Heródico, que era mestre na ginástica, já recorria aos exercícios básicos com a medicina, aprofundando a sua arte de curar. Aquilo que aparentemente era incurável, passa a ser curável, com a experiência do tempo é possível atingir o belo de sua arte-final até o prêmio final. Asclépio consegue entender a inexperiência dessas formas de medicina como medida da ignorância.

Após uma prática do ofício da medicina em uma pólis bem governada, cabe a cada cidadão a tarefa de se esforçar para realizar o bom governo, pois ninguém passa o tempo todo doente e se tratando. Platão traz sempre vários exemplos de que a ignorância do homem não estudado e sem conhecimento tende a ser sempre policiado: a exemplo de um carpinteiro que, sem o menor conhecimento, inventa de se tratar sozinho e acaba entregando o espírito à medida que fez seu tratamento, sem a menor condição de ser curado, nem a capacidade de suportar a dor.

Mesmo no período helenístico no qual o médico Asclépio ele acreditava que só se goza de uma saúde física graças à sua natureza, mas se pode ter qualquer doença localizada pela medicina. Para as pessoas que têm essa constituição, a medicina pode expulsar a doença por meio de medicamentos e incisões que objetivam não prejudicar as negociações políticas.

Os médicos começam desde crianças a aprender a sua arte. Quanto mais contato ele mantém com o maior número possível de corpos enfermos e de dores, ele conseguia aprimorar cada vez mais esse conhecimento. Se eles mesmo sofressem de enfermidade e não gozassem de perfeita saúde, sem o determinado conhecimento, o corpo não se trataria sozinho.

Platão continua sua análise sempre recordando que ninguém nasce educado, são os anos de experiência que levam à possibilidade da melhoria. Ao passo que as qualidades, já existentes no indivíduo de forma natural, se aperfeiçoam gradativamente com o conhecimento científico em si, se compreende, com esse aprendizado, que algumas práticas são subversivas(degradantes) e podem tornar o cidadão, mas perverso.

⁴ O deus da saúde nos seus templos guiava os sacerdotes-médicos chamados de asclepiades, os doentes eram acomodados em pavilhões para serem purificados por meio de óleos passados na pele, banhos e jejuns. Acreditava-se que, quando dormissem, o poder de Esculápio os curaria ou enviaria orientações sobre procedimentos terapêuticos e espirituais. As eventuais mortes eram atribuídas ao fato de os doentes não terem se purificado corretamente ou serem incuráveis. (REALE e ANTISERI, 1990)

Sócrates interroga Gláucon sobre a diferença em torno da educação pela música e pela ginástica quando alguns optam mais por uma do que pela outra, em detrimento do equilíbrio entre ambas. O encorajamento aos jovens no sentido de buscarem uma ao invés da outra acarreta o desequilíbrio: a ginástica em demasiado leva à preocupação exagerada pelo corpo, o que deixa a pessoa propensa à grosseria e má educação do que lhe convém; os que se dedicam mais à música tornam-se mais sensíveis do que astuciosos.

O autor se utiliza de diferentes exemplos para demonstrar quanto o equilíbrio no ensinamento da música e da ginástica leva à maturidade necessária para se formar um bom cidadão. A própria cultura grega da época reforçava que esta ideia de cidadania estava associada à idade, uma vez que o cidadão grego somente se tornava cidadão para a pólis após atingir trinta anos. Para cada atividade exercida na cidade, necessitava-se de tempo para melhor desenvolver suas funções. Por isso Platão dedica-se, de 410a a 414b do livro III, à análise do homem de sua época e suas lutas, e a maneira com a qual imposturas e posturas estão diretamente associadas à forma como ocorrera a educação na formação do cidadão.

2.3. A perspectiva “doutrinadora” da poesia

Retomando a nossa análise sobre a crítica que Platão faz à formação do homem grego através da poesia, voltamo-nos para o livro X da *República*, no qual ele fundamenta sua crítica aos poetas. Segundo Platão à medida que eles vão narrando os feitos dos heróis de forma tão perfeita, trazem a ideia de que a cidade governada tem que ser perfeita e absoluta, o que é inatingível, pois não corresponde às características humanas reais.

A crítica se remete aos poetas trágicos, que na prática da mimese⁵ tendem sempre a ser honrados além da necessidade. A maneira com a qual esses poetas se utilizam para montar suas poesias traz uma intenção que acaba levando sempre os ouvintes a se envolverem com a tragédia narrada.

Já a poesia épica é considerada pelo filósofo como arte mimética. É levando-a em conta que Platão se questiona sobre o que seria a imitação. Uma vez que a mimese dos

⁵ A arte da imitação. O conceito de imitação vem a ser aprofundado por Platão no livro X da *República* 595a até 608b. De acordo com Platão, enquanto o Demiurgo divino gera o próprio ser em si, que Platão considera o próprio *eidos* ou ideia, os artífices produtores de utensílios produzem algo como o que e em si mesmo, a luz da ideia do ser; ao passo que os poetas ou artistas miméticos produzem não o ser em si, nem algo que e de acordo com este ser em si, mas imagens das aparências das coisas. É este tipo de produção que Platão considera arte mimética ou imitativa.

fenômenos sensíveis ocorre, estes aparentam fazer parte da realidade habitual das pessoas, e isso é problemático, segundo o pensador.

Platão descreve que trabalhadores como marceneiros e artífices em geral, fabricantes de utensílios, ainda não fazem o objeto em si, mas fazem um exemplar da ideia única em si do objeto, na tentativa de reproduzir a realidade do objeto. Já os pintores, escultores e poetas em geral são os que propriamente constituem a arte da imitação; ela está bem longe da verdade e, com isso, é possível afirmar que atinge apenas uma pequena porção de cada coisa, e não passa de uma aparência, uma vez que nem faz a ideia da coisa, nem um exemplar de algo segundo essa ideia, mas apenas a imagem correspondente à aparência de algo feito segundo uma ideia. Nesse sentido ele só reafirma que o poeta nada mais é do que uma especialista na arte de imitar, e que está bem longe da verdade e de exercitar o que é de fato atinge, portanto, apenas uma aparição.

Na cultura da época, na pólis, sempre que se lembrava dos grandes poetas, se tinha em mente que estes eram conhecedores das realidades humanas, vícios, ódios, virtudes, pois acreditava-se que era necessário ser assim para serem capazes de produzir bons poemas sobre os diferentes assuntos de que tratavam, levando sempre os ouvintes a penetrar na atmosfera do que é narrado. Desta maneira é de se imaginar que estes chamados ingênuos podiam ser ludibriados pelos imitadores que lhe depravaram.

De acordo com Platão nos trechos 598e e 599a para uma boa conseguir compreensão de como os poetas ludibriam com seus cantos, Platão analisa os três pontos: O primeiro é o afastamento do real, quando o discurso se refere a seres irreais, tais como representação de fantasmas; o segundo é se, o que o poeta diz, tem algum valor; e o terceiro é se o conhecimento exposto é algo a ser considerado. Se for possível passar pelos três pontos, e for aprovado, estão aptos na primeira linha da sua vida, desde da infância deve se incentivar a análise destes conto para colher deles o que seria o bem mais precioso. Mas se o poeta fosse conhecedor das coisas que imita, acredita-se que o próprio faria de si a sua própria louvação.

A partir do passo 599c, Platão faz questão de trazer à tona a discussão se estes poetas realmente tinham condições de exercer todas as funções que eles narravam, e se, de fato, eles eram conhecedores das coisas que o homem traz em sua natureza: “realmente será que estes poetas são tudo o que narram?” (PLATÃO, 602a).

Esses poetas foram responsáveis pelos ensinamentos de muitos cidadãos gregos, a exemplo de Homero – que, durante a sua vida, dirigiu a educação de alguns jovens –, o próprio Pitágoras – e os que assim fizeram depois, até chamados de Pitagóricos –, entre outros. Isso nos leva a compreender que estes poetas poderiam ser capazes de educar homens e de fazê-

los melhores, e não simplesmente imitadores. Assim, caso fossem mais conhecedores dessas matérias que circulam a vida do homem, seriam capazes de retratar melhor suas imitações.

A discussão leva a crer que estes homens, tais como Homero, Hesíodo e tantos outros, seriam imitadores da virtude, e do restante dos assuntos que o compõem, e não são capazes de atingir a verdade daquilo que narram e nem as artes que trazem: seus poemas.

Por suas frases e palavras, eles só coloriam devidamente cada uma das artes, sem compreender mais delas, e sim sabendo imitá-las. Isso ocorre de modo que aqueles que escutam, julgam que eles entendam o que narram, porém isso nunca acontecerá com profundidade, e sim tendo em conta apenas a aparência das coisas. Por exemplo, o criador de fantasmas, o imitador segundo discursos nada entende da realidade, somente de sua aparência.

Para Platão só é possível a compreensão de torna arte do fazer única e prática, de levar a conhecer, funcional e efetiva, o que ela é. Para esta compreensão se faz necessário uma prática maior, para que só assim o poeta se torne parte conhecedora e saia da arte de imitadores a uma arte realista. Torna-se, assim, parte da alma e não da imitação.

Contudo, a maior de todas as acusações a ser feita é à poesia e, conseqüentemente, o dano que ela pode causar até nas pessoas honestas. Dado que todos que escutam os grandes poemas, aclamam os grandes heróis. Escutando estes poetas narrarem com tão grande pendor, faz o menor dos homens sofrer e se alegrar com tais narrativas, quando a estória leva a um luto por diferentes devaneios de um homem apaixonado por uma mulher, por exemplo, demonstrando a sua fragilidade, levando-o à vergonha.

É necessário que o homem seja sensato ao ouvir tais narrativas, e entender o que elas significam e como elas devem se apresentar ao homem. Platão termina a discussão do poetas trazendo um elogio narrado no livro X da *República*, 607a:

Quando encontrares encomiastas de Homero, a dizerem que esse poeta foi o educador da Grécia, e que é digno de se tomar por modelo no que toca a administração e a educação humana, para aprender com ele a regular toda a nossa vida, deves beijá-los e saudá-los como sendo as melhores pessoas que é possível, e concordar com eles em que Homero é o maior dos poetas e o primeiros dos tragediógrafos, mas reconhecer que quanto a poesia, somente se devem receber na cidade hinos aos deuses e encômios aos varões honestos e nada mais. Se, porém, acolheres a Musa aprazível na lírica ou na epopéia, governarão a tua cidade o prazer e a dor, em lugar da lei e do princípio que a comunidade considere, em todas as circunstâncias, o melhor.

O texto conclui de que a poesia não deve ser estudada ou encorajada de modo que nossos jovens não consigam crescer por si só na compreensão da vida, tampouco que a poesia

e os poetas devam ser encarados como detentores da verdade, mas sim que sirvam como linda inspiração para ajudar na formação do bom cidadão grego, cumpridor de suas funções.

3. O PROGRAMA FORMATIVO PLATÔNICO IDEAL

Neste segundo capítulo apresenta-se a proposta de Platão no seu programa de estudos para a formação do cidadão. No Livro VI da República nos passos 505a, Platão expõe ideia de Bem de modo apresentá-la como o conhecimento máximo daqueles que haverão de ser os salvadores da constituição da cidade. Em função disso Platão busca a compreensão do bem uma vez que este se dá de muitas formas, e não havia ninguém que conseguisse defini-lo, a não ser com um arcabouço teórico profundo e complexo que só com o estudo o tornaria possível de atingir o que de fato é a ideia de Bem.

Para chegar a esta aproximação do conhecimento do bem, Platão apresenta várias imagens, deixando sempre claro que é muito difícil apresentar tal conceito. As imagens são recursos dos quais Platão se utiliza, Sócrates aparecendo sempre como a personagem delas proponente. Ele fala através de Sócrates um recurso analógico que permite, pelo menos, manifestar de maneira mais clara, um recurso para melhor aproximar seu interlocutor do que ele deseja explicar; uma analogia que se preste a configurar minimamente o que seja o bem. Com isso ele monta o seu programa de estudo para a formação do bom cidadão. Este percurso apresentado ao longo do Livro VI e VII, é o que se deseja apresentar, dando início com as diversas imagens que apontam este caminho: A analogia do Sol, o Esquema da linha d'ívida, e a Alegoria da Caverna.

3.1 O BEM

O diálogo que ocupa uma posição central no pensamento de Platão é o diálogo acerca do Bem da *República*, porque integra as doutrinas dos diálogos das obras anteriores e restaura os resultados por eles obtidos. (SOUSA, 2013 p.). Com respeito à ideia do bem, Platão a considera de maneira direta, mas apesar de entender que a ideia do bem é o ponto máximo do conhecimento a ser alcançado no processo educativo. O texto muito mais nos coloca no movimento para a compressão da ideia do bem, do que apresenta uma definição explícita.

Como acontece com toda a filosofia platônica, uma vez que o Bem (*agathón*) está no centro deste diálogo, é importante entender por que Platão trata apenas parcialmente dessa questão tão importante no texto escrito. A questão do Bem está presente nos livros VI e VII da *República* e está relacionada com a concepção educacional platônica para o bom cidadão. Platão propôs uma concepção educacional a ser executada sobre a natureza dos cidadãos e o papel que eles devem desempenhar na cidade (*pólis*).

Ele afirmava que as qualidades naturais para ser um bom cidadão são: boa memória, facilidade de aprendizado, afinidade com a justiça, coragem e temperança, qualidades que estão associadas à prática educacional, qualidades também atribuídas aos filósofos, pois ele após uma caminhada formativa atingiria estas qualidades.

Possuir o conhecimento da verdade possibilita aos cidadãos compreender que a organização da vida comunitária na *pólis* precisa de um sistema de lei e ordem como condição de felicidade entre os sujeitos. E, como bom administrador, tenta imitar esse sistema o máximo possível para tornar sua prática semelhante.

No pensamento platônico, as virtudes filosóficas têm um fundamento na ciência (Episthémé), e somente através da prática dos bons cidadãos é possível organizar as cidades na perspectiva do princípio último, que pode ser considerado a ideia do Bem. O problema do Bem no contexto da educação do cidadão e sua prática na *Pólis* mostra que, de alguma maneira, a educação platônica envolve as discussões ética e política, uma vez que a ideia do bem não se fecha no sentido científico *strictu sensu*, mas envolve também uma dimensão política. Por isso, Platão afirma que: “é a ideia do Bem o mais alto dos conhecimentos, aquele do qual a justiça e as outras virtudes tiram a sua utilidade e as suas vantagens” (PLATÃO, 505a).

Segundo Thomas Szlezák (2003), a ideia do Bem é o arquétipo da metafísica defendida por Platão, tratando-se da razão dos pensamentos no mundo compreensível, dá a essência dos pensamentos. Portanto, ela é o fundamento do "ser bom" e do "ser belo" de tudo. Como último princípio, seu status metafísico é superior ao pensamento em dignidade e poder (cf. Platão, *República* 509b) e, ao mesmo tempo, dá sentido à estrutura hierárquica platônica em seu nível sensível e compreensível. Veja o que analisa Szlezák (2003):

Se a Ideia do Bem (tó Agathón) é o primeiro princípio (arché) e está no topo da metafísica platônica, qual é a natureza do Bem? Quando se trata de explicitar a essência do Bem, Platão na *República* restringe-se a dizer que a conhece, mas que, por ora, não vai se ocupar em demonstrá-la. Ele afirma: “Não nos ocupemos por ora do que pode ser o bem em si, pois chegar a ele neste momento, tal como ele se me afigura, excede, a meu ver, o alcance do nosso esforço presente”. Este silêncio em torno da Essência do Bem na *República*, na interpretação de Giovanni Reale mostra claramente que Platão não quer deixar por escrito a natureza do Bem-em-si, mas se limita ao que é necessário para a explicação do caráter ético-político, que é o objetivo do Diálogo (Szlezák *apud* SOUSA, 2013).

No entanto, aqueles que escrevem sabem exatamente por que estão escrevendo, e para aqueles que escrevem imediatamente, isso está completamente de acordo com a capacidade de compreensão do público, porque apenas os filósofos têm a capacidade de saber "as coisas

mais valiosas" (*timoetera*). Portanto, a explicação da essência do bem é um tema proposto pelo professor Platão na academia, que serve para se preparar para passar pela ciência da matemática e da dialética e avançar nas "coisas supremas" até que alcancem uma compreensão plena de a essência da bondade (PLATÃO,507b).

Essa difícil tarefa exige muita abstração e, para isso, o público externo da academia não está preparado. Portanto, Platão tem resistência em escrever essas coisas preciosas no livro, porque ele está preocupado em não ser compreendido ou mesmo ridicularizado, porque ele claramente apontou: “receio não ser capaz e, caso tenha a coragem de tentá-lo, ser coberto de risos por minha própria inépcia”. (PLATÃO, 506e).

Ele estava determinado a adiar a explicação da natureza do Bem, e apresentou a analogia do Sol, sendo este compreendido como um filho do Bem: "Mas, por favor, aceite este filho, esta é uma foto da própria matéria ". Bem, Platão fez uma revisão da teoria do pensamento sobre a questão de "muitos" e "uno"; explica como a teoria combina vários pensamentos em uma unidade. Ele diz: “E chamamos belo em si, bem em si e assim por diante o ser real de cada uma das coisas que colocávamos de início como múltiplas, mas que alinhamos em seguida sob a sua ideia própria, postulando a unidade desta” (PLATÃO, 508c).

O ponto de partida para a elevação à inteligibilidade baseia-se precisamente no esquema de unificação da multiplicidade, que distingue a multiplicidade das coisas sensíveis com a unidade correspondente a cada coisa. A diversidade sensorial é capturada pelos órgãos sensoriais, enquanto as unidades ideais são capturadas apenas pelo pensamento. No entanto, Platão estabeleceu uma diferença na compreensão da multiplicidade entre os outros órgãos sensoriais e a visão, pois entre a visão e seus objetos, o que é visível é o terceiro elemento que é a luz.

Ele afirma: “Admitindo que os olhos sejam dotados da faculdade de ver, que o possuidor desta faculdade se esforça por servir-se dela e que os objetos aos quais ele se aplica sejam coloridos, se não se intervier um terceiro elemento, destinado precisamente a este fim, bem sabes que a vista nada perceberá e que as cores são invisíveis” (PLATÃO, 508d).

Assim, para Platão, a fonte de luz é o sol, mas a visão não se sobrepõe ao sol. É apenas, dentre os órgãos sensoriais, aquele órgão mais semelhante ao Sol, e tem a capacidade de ver as coisas, e a visão que pode ser vista em um momento. Em Platão a utilização da imagem do Sol serve para expressar o Bem, assim como o sol prefere o poder de observação em um plano sensível. Bem, de forma semelhante, tem a função de iluminar a inteligência em um plano inteligível.

Além disso, uma vez que a alma se concentre na verdade e nas coisas iluminadas, ela compreenderá a realidade inteligível em sua própria estrutura, se libertará da escravidão proporcionada pelos *insights (Doxa)* e entrará no campo científico real (*Episthème*). Platão comparou da mesma forma a imagem do Sol com o filho de bom coração, e então enfatizou a verdadeira função do pai: "Confessa, portanto, que aquilo que difunde a luz da verdade sobre os objetos do conhecimento e confere ao sujeito conhecedor o poder de conhecer, é a ciência do bem; visto que é ela o princípio da ciência da verdade, podes concebê-la como objeto do conhecimento" (PLATÃO,509a).

Platão está construindo boa ciência, unificando todas as realidades com a metafísica, e ao mesmo tempo distinguir a verdade das boas ideias e do conhecimento, porque é melhor do que ideias, e mais bonito.

(...) como no mundo visível, é certo pensar que a luz e a vista são semelhantes ao sol, do mesmo modo, no mundo inteligível, é justo pensar que a ciência e a verdade são, ambas semelhantes ao bem, mas falso acreditar que uma e outra sejam o bem; a natureza do bem há de ser considerada muito preciosa. Sua beleza está acima de toda expressão se é que produz a ciência e a verdade e se é ainda mais belo do que elas (PLATÃO, 509A).

Platão expõe por meio de metáforas figurativas, que, assim como o Sol é a fonte de gerações, a bondade é o princípio da existência, ou seja, a ousia, ou a mistura entre limite e infinito, não é tão boa quanto seu princípio (*Arché*) ou bondade (*Agathón*). De acordo com essa passagem central da *República*, Platão esclareceu as características fundamentais do bem e falou sobre a virtude (*Arete*) com base na axiologia. Quando é considerada a razão para dotar o conhecimento intelectual, a gnosiologia se estabelece, ao mesmo tempo, é a razão da cognoscibilidade das coisas conhecidas. Finalmente, quando é a causa da existência e da essência, é considerada a base da ontologia. No entanto, Platão apenas citou esse raciocínio sem explicar como e por que (cf. SOUSA, 2013)⁶.

Assim, o debate acerca do bem é a base fundamental para o desenvolvimento da doutrina platônica, pois neste conceito ele busca esclarecer sua ideia de que todas as virtudes têm um princípio metafísico comum que podemos pensar sendo o bem. Neste sentido aquilo

⁶ Para Giovanni Reale (1997), diante de importantes teorias como aquela sobre a ideia de bem (*tó agathón*), o motivo do silêncio platônico é a decisão de confiar à palavra a verdadeira interpretação do mantra. Lille reiterou: "Em certo sentido, estes parágrafos da República representam a ponta do iceberg, ou seja, o surgimento de uma parte do 'não-escrito' só se reflete nas obras, e sua consistência e status só podem adotar uma posição filosófica também adotada pelos pesquisadores da escola Platão de Tübingen-Milão. Eles defendem o novo paradigma da filosofia de Platão e entram no estudo da essência do bem.

que, como o inteligível era difícil de se conceber, torna-se pensável através de analogias com algo perceptível.

No livro VI Platão consegue expor uma forte relação do bem à ideia de justiça, uma vez que é impossível pensar a concepção de justiça sem a ideia do bem. Para a cidade ideal e a Ideia de bem acaba se relacionado também com a formação da cidade, uma vez que para a cidade justa precisa-se de homens justos, para este preceito necessita-se de uma índole que só na natureza do filósofo que tem tais qualidades.

Não perdendo de vista que o bem pode ser atribuído a várias coisas, os cidadãos comuns erram a atribuir o bem aos prazeres e os mais refinados tende a compreender como sabedoria para o cidadão. Platão volta a alegar que todos partem de um princípio comum, nos quais são fundamentais para compreender a ideia de bem.

Diferentes dos primeiros escritos, é sempre necessário distinguir bons e maus prazeres. Já o segundo fala de sabedoria remetendo indiretamente ao bem, porque o mesmo só pode ser atingido pela sabedoria. Sócrates tenta simplificar cada vez mais a explicação para melhor compreensão de Glauco. No passo 505d, Sócrates, em um dado momento do diálogo entre os dois, Glauco pergunta se o homem pode conhecer o bem; então o filósofo responde que existem coisas no mundo sensível, que são múltiplas, e estas multiplicidades correspondem a uma única ideia que chamaremos de visíveis, não de inteligíveis, e ainda poderia dizer que as ideias são inteligíveis, porém não visíveis. Assim, Sócrates vai dar continuidade a essa teoria trazendo outras analogias para tentar melhor descrever o bem.

3.2 IMAGENS QUE SÃO PORTAS PARA UM CAMINHO

Dentre as teorias criadas e estudadas por Platão a questão das imagens enquanto portas para um caminho, se apresentam através dos elementos: a analogia do Sol, o esquema da linha dividida, e a Alegoria da caverna. Todos esses recursos, dos quais o autor se utiliza na discussão, são para dar um norte ou um caminho para ajudar na compreensão para atingir o conhecimento do bem.

3.1.1 ANALOGIA DO SOL

Antes que seja exposta a analogia do Sol, Glauco, no diálogo com Sócrates, pede para que ele dê uma explicação sobre o que seja a ideia do bem, assim como ele fez com a justiça e as outras virtudes. Porém Sócrates se julga incapaz desta tarefa, e também afirma ser incapaz de explicar, respondendo em risos: “não meu afortunado amigo não indagamos agora o que é ser o bem em si, pois seria preciso um esforço demasiadamente grande para alcançar neste momento a concepção que faço dele” (PLATÃO,506e).

Uma vez que o bem é uma ideia que só a inteligência pode captar, a visão e os sentidos não podem enxergar e obter. E, assim como a luz emana do Sol, a verdade emana do bem. E a luz da verdade é o pensamento e não a visão. O pensamento é capaz de captar, compreender, conceber o pensar, Nem todos os inteligíveis são opostos.

Platão usa o sol como uma analogia para a fonte de "iluminação" (talvez iluminação intelectual) em sua obra a República (507b,509c) podemos considerar uma "forma de bondade", às vezes interpretada como se manifesta nas suas diferentes maneiras de proporcionar o bem na medida que aquece, ilumina, favorece a vida etc. O conceito de uma entidade divina apresentada no passo 508c – qual seja: “O sol, que eu considero filho do bem, que o bem gerou à sua semelhança” traz o Sol como uma entidade divina, para além da acrópole, uma vez que o bem, de alguma forma, o gerou a sua semelhança. Devido a isso ele traz à tona o ideal de Filho do bem, o sol não se tem domínio sobre ele. A analogia trata da natureza da realidade final e da forma de adquirir conhecimento. Para compreendermos melhor, vejamos análise de Platão sobre a luz e os sentidos.

Platão comenta que o olho é comum na percepção porque precisa de um meio, a saber, a luz, para poder ver. A melhor e mais forte fonte de luz é o sol. Com sua luz, os objetos podem ser claramente agarrados. Raciocínio semelhante pode ser usado para compreender objetos inteligíveis, ou seja, formas eternas e fixas são os objetos últimos da pesquisa científica e filosófica (PLATÃO, 509d).

É assim que os olhos percebem objetos iluminados pela luz solar de forma diferente. No entanto, ele também pode ser enfraquecido, aparentemente cego, e só pode ser fixado em objetos cuja clareza pode ser vista claramente pela estrela da noite (cf. RESENDE FILHO, 2009 p. 25).

Quanto à alma, pode resolver o inteligível inspirado na verdade, ou resolver os problemas existentes, ou pode trabalhar em vão para descobrir o que está coberto, ou seja, o mundo do devir:

Sócrates: — Tu sabes, logicamente, que os olhos, quando contemplam objetos cujas cores não são iluminadas pela luz do dia, mas pela claridade dos astros noturnos, perdem a acuidade e parecem quase cegos, como se não fossem providos de visão

clara. Adimanto: — Sei-o muito bem. Sócrates: — Mas, quando se voltam para objetos que o Sol ilumina, enxergam distintamente e mostram que são providos de visão clara. Adimanto: — Sem dúvida. Sócrates: — Concebe, portanto, que se dá o mesmo a respeito da alma. Quando ela fixa o olhar naquilo que a verdade e o ser iluminam, compreende-o, conhece-o e mostra que é dotada de inteligência; mas, quando olha para aquilo que está obscurecido, para o que nasce e morre, a sua vista fica embaçada, passa a ter apenas opiniões (*doxa*), indo sem cessar de uma a outra e parece desprovida de inteligência (508c-d).

Se pensarmos o sol enquanto astro de luz, e compreendermos a sua função de aquecer e iluminar, poderíamos imaginar que ele desempenha no mundo visível a função que cabe ao bem no inteligível, podendo assim compreender como ele é causa do saber do ser. Platão se propõe a chamar o Sol de “filho do bem” (506e), pois assim como a luz que vem do Sol nos faz enxergar por intermédio da visão as coisas visíveis, o bem traz clareza ao inteligível por meio da verdade; Desse modo, se deve contemplar o bem, pois só ele traz as virtudes necessárias para uma boa vida. Sendo assim, ele se refere aos filósofos para administrar a cidade, porque o bem é um ideal inteligível e só pode ser contemplado pelo filósofo, dado que ele compreende esse caminho (cf. PLATÃO, 509c)

3.2.2 ESQUEMA DA LINHA DIVIDIDA E A CONEXÃO COM ANALOGIA DO SOL.

A passagem da linha dividida (509d-511e) é a continuidade do estudo sobre a questão do bem, na qual Platão reestrutura na sua proposta formativa para os cidadãos e na qual há uma conexão com a “Analogia do Sol” (507c-509c), que é anterior na República ao esquema da linha dividida, este programa é descrito e meio à dualidade entre o sensível e o inteligível à sua maneira.

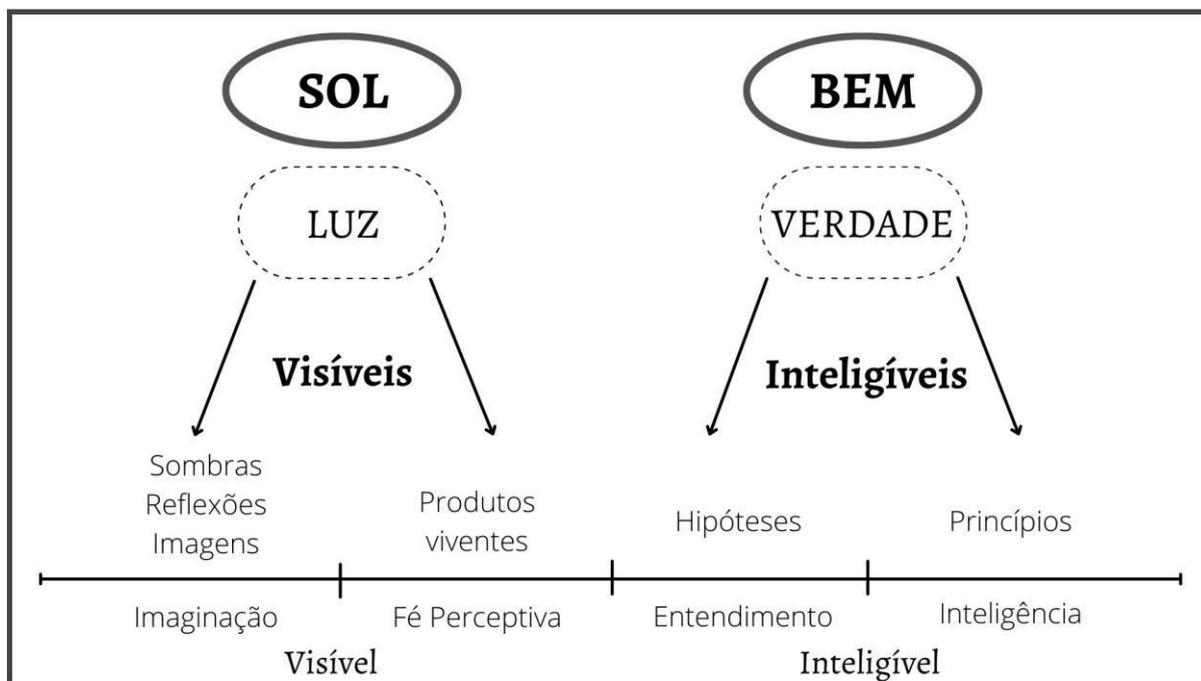
A dualidade entre o sensível e o inteligível une essas imagens em uma estrutura comum e permite que elas sejam mais facilmente compreendidas pelo interlocutor. A passagem da analogia do sol parte dessa dualidade entre o sensível e o inteligível, o que mostra que em cada um desses dois âmbitos (sensível e inteligível), deriva a relação entre o objeto e a capacidade psíquica que leva à descoberta do terceiro elemento: a causa; Sol / Ideia do bem. (cf. RESENDE FILHO, 2009 p. 26).

Esse sol é denominado filho do bem gerado pelo bem como sua própria imagem e que, no âmbito visível, está na mesma relação para a vista e para as coisas visíveis. Do mesmo modo, o bem, no âmbito inteligível, está para as coisas percebidas pelo entendimento tanto em relação ao objeto, quanto à faculdade de conhecimento. Retomando a distinção entre o

âmbito visível e o âmbito invisível, Platão subdivide um e outro e, a cada uma das quatro espécies assim obtidas, associa respectivamente na alma. Por fim ela ordena essas espécies pelo grau de claridade (ou obscuridade) na medida em que seus objetos se relacionam mais ou menos com a verdade.

Na passagem 509c, Sócrates explica a Gláucon como seria a ideia da linha dividida. Sócrates pede para traçar uma linha e corta-a em dois segmentos desiguais, para que as partes possam representar os âmbitos do visível e inteligível, uma vez que, mesmo cortadas, não são separadas, mas se coexistem entre si. Da mesma forma, deve se cortar de novo em condições proporcionais, ficando assim: no âmbito visível, em seu primeiro segmento, a imaginação (imagens, reflexos e sombras) e a Fé perceptiva (produtos vivos); No âmbito Inteligível, o Entendimento (hipóteses) e a Inteligência (princípios).

Figura 1: Esquema da Linha Dividida



Fonte: Elaborado pelo autor

Adiante no diálogo Platão elucida o âmbito visível e o âmbito inteligível: este último refere-se às coisas concebidas pelo pensamento não visível e é fundamento deste mundo visível. Já as visíveis são as coisas que permitem ser sentidas e tocadas.

Nesta compreensão Platão traz a discussão em torno dos matemáticos, uma vez que a matemática se utiliza das hipóteses até chegar às conclusões definitivas a respeito do que viria a comprovar. Ele queria demonstrar que o método matemático que toma a hipótese como ponto de partida para daí tirar conclusões definitivas é um processo de raciocínio hipotético-dedutivo próprio da matemática. Segundo Platão, o matemático está dentro de um problema

que ele pretende demonstrar. O matemático simplesmente se vale de algumas hipóteses para poder desenvolver esse raciocínio hipotético e dedutivo e chegar a desenvolver uma demonstração do que aquele problema/proposição ele tem que resolver. No entanto, o pensamento não é uma hipótese, e sim uma capacidade psíquica que permite utilizar as hipóteses nas funções básicas que a matemática possui. Dentre as noções básicas, destaca-se as definições, assim como os axiomas ou noções comuns quando se parte do mundo inteligível para o visível; desse modo, se tinha a ideia do modo como procediam os matemáticos na sociedade de sua época, método que, contudo, também ainda está em voga na matemática moderna.

A matemática, por sua vez, opera no âmbito do inteligível. Platão fala de figuras geométricas que, na verdade, são como sombras desses objetos que os matemáticos desenham. Essas figuras são reflexos dos objetos. Quando fazem isso estão pensando, contudo, nesses objetos, enquanto inteligíveis puros, não enquanto meras imagens. Quando se desenha uma forma geométrica, todo e qualquer triângulo dentro de uma proposição matemática, pensar a forma geométrica, e faz partir das hipóteses para as conclusões, às quais se associam as definições. O exemplo deste modelo é pensar as formas geométricas.

Já no âmbito visível, Platão apresenta duas subdivisões: a Imaginação (*eikasía*) e a Fé perceptiva (*pístis*). A imaginação está associada aos reflexos e sombras, que por causa do Sol são geradas pela luz projetada sobre os objetos, onde o visível é capaz de ser perceptível, uma vez que a luz gerada do sol gera as sensações. Já a Fé perceptiva é a fé de confiabilidade, uma vez que nós confiamos no mundo que está ao nosso redor, que sentimos e tocamos. O simples fato de saímos do trabalho e chegarmos em casa é a confiabilidade da maneira que o mundo nos é apresentado. Com relação à crença em divindades, quando rezamos ou nos colocamos em unidade com qualquer Ser, a mística nos faz entender que estes seres são acessíveis aos crentes. A fé religiosa considera uma entidade (Deus) no âmbito inteligível, mas refere-se a ela em termos metafísicos, como pai, criador, ser acima de todos.

O bem promove uma relação de causalidade, pois o sol é causa dele, e o bem é coeso das crenças. Tudo parte do bem, e o bem não se confunde, uma vez que transcende além da essência.

3.3.3 ALEGORIA DA CAVERNA

A alegoria da caverna também é conhecida como alegoria ou parábola da caverna, mito da caverna ou prisioneiro da caverna. As alegorias são fábulas de intenção educacional.

Ele pode ser encontrado em *A República* (Livro VII). Tem como objetivo ilustrar como os humanos podem se resgatar do estado de escuridão através da luz da verdade.

A alegoria é uma proposta após a analogia do Sol (508b-509c) e o esquema da linha dividida (509d-511e). Essas três imagens estão relacionadas à dialética. No centro do trabalho da República, descobrimos o famoso mito da caverna. Sócrates usou essa metáfora para mostrar à humanidade as limitações de novos horizontes. Isso é mais certo do que pensávamos. As pessoas também podem se tornar prisioneiras do conhecimento ou da doxa por causa do medo.

Sócrates narra a alegoria da caverna, ao descrever onde os prisioneiros não entendem a realidade externa e se recusam a entender outra realidade. Mostrar como a falta de educação está relacionada ao conhecimento.

A descrição do mito é conveniente com uma grande retrospectiva do caminho feito no caminho da caverna para o mundo exterior, uma vez que o acesso à caverna, ao visível, é a subida para a ascensão do Inteligível que se refere a forma do bem (517e).

Platão supõe uns homens numa habitação subterrânea em forma de caverna, com uma entrada aberta para a luz. No interior da Caverna, tem o elemento fogo que é a analogia do sol, como o mundo visível. O sol é análogo ao bem no inteligível, portanto, a saída para o exterior não pode deixar de significar o acesso ao conhecimento.

Pessoas acorrentadas sem poderem se mover, forçados a olhar somente a parede do fundo da caverna, sem poder ver uns aos outros ou a si próprios. Atrás dos prisioneiros há uma fogueira, separada deles por uma parede baixa, por detrás da qual passam pessoas carregando objetos que representam "homens e outras coisas viventes".

As pessoas caminham por detrás da parede de modo que os seus corpos não projetam sombras, mas sim os objetos que carregam. Os prisioneiros não podem ver o que se passa atrás deles e veem apenas as sombras que são projetadas na parede em frente a eles. Pelas paredes da caverna também ecoam os sons que vêm de fora, de modo que os prisioneiros, associam-nos, com certa razão, às sombras, pensam ser eles as falam das mesmas. Desse modo, os prisioneiros julgam que essas sombras sejam a realidade

Imagine que um dos prisioneiros fosse libertado e forçado a olhar para objetos (nova realidade, novo conhecimento) que causaram fogo e sombras. A luz vai machucar seus olhos e ele não pode ver. Se ele soubesse que o presente era real e as imagens que vira antes não, ele não acreditaria. O que o fascina é que o prisioneiro tentará retornar à caverna e retornar ao estado que havia visto antes. Se ele decidir retornar à caverna para revelar sua situação extremamente enganosa aos seus antigos companheiros, isto é, se eles se encontrarem, os

olhos que agora estão acostumados à luz serão cegados pela escuridão, assim como foram cegados pela luz.

Assim que os outros presos os vissem, eles concluíram que deixar a caverna causaria sérios danos aos seus companheiros, portanto, eles não deveriam sair. Se puderem, eles matarão qualquer um que tentar tirá-los da caverna. Quando Platão procurou ethika juntos a seus seguidores, ele não procurou a verdadeira essência da simples “filosofia”. Sob a influência de Sócrates, ele buscou. das ethika no logos. Acontece que a função da caverna livre é semelhante à de Sócrates, mas como ele expressa seus próprios pensamentos e espera mostrar um mundo completamente diferente, ele corre o risco de ser morto. Transformar-se em realidade se você acreditasse que algumas mudanças aconteceram no mundo desde o nascimento.

Este é o percurso para o conhecimento, que na dinâmica da vida não se atinge de uma vez, e sim aos poucos. Platão chama isso de Logos, uma vez que a necessidade de estabelecer este caminho que favoreça esta união da alma consigo mesma, de alguma maneira ela se unirá a si mesmo na morte, posto que perdemos este conhecimento ao nascer, e na dinâmica da vida vamos rememorando, através deste percurso pedagógico e unindo-nos conosco.

3.4 DISCIPLINAS

Sócrates passa a explicar a Glauco que o processo pelo qual são formados os filósofos/governantes deve se basear na formação de um homem de caráter bom para comunidade, e não apenas para si. Não é a felicidade do governante que importa, mas a do povo.

Entre todas as disciplinas necessárias ao bom funcionamento do Estado, destaca-se a Ginástica e a Música, que são bases para a formação corporal e para a alma. Por outro lado, os cidadãos precisam da formação dos números e do cálculo, que são úteis, especialmente na arte da guerra.

Assim, é importante nos permitir observar dados e sensações. Os nossos sentidos são capazes de distinguir luz e o que não é, porém, qualidades como grandeza, pequenez ou maciez não são compreendidas sem o conhecimento do bem.

Platão cita outras disciplinas: a Aritmética, a Geometria, a Estereometria. Além dessas há também a Astronomia e a Harmonia que ajudam no aprendizado do raciocínio, fazendo parte do plano do estudo do filósofo para a sociedade. Porém o único método que supera todas as hipóteses para alcançar o princípio da realidade é a Dialética. Só a dialética leva ao conhecimento da essência das coisas.

A geometria, por exemplo, comparada à Dialética, analisa os símbolos, já a aquela se aprofunda na análise do discurso. Por exemplo, a geometria discute as propriedades de um círculo, no entanto não mostra sua essência na ideia da circularidade. Só é possível acessar a verdadeira definição através da Dialética, pois ela ultrapassa o campo das imagens e dos símbolos. Esta é a verdadeira ciência, estando acima do entendimento da matemática, das crenças e das imagens. Logo, dialético é aquele que capta a essência das coisas, que conhece a natureza do bem. Por isso os dialéticos deverão ser escolhidos entre os mais firmes e corajosos, desde os que possuem grandeza intelectual, facilidade para aprender, boa memória, disposição, empenho físico e material.

O programa de estudos para educação dos cidadãos era dividido em etapas: na primeira, as crianças e jovens de 18 anos deveriam estudar Literatura⁷, Música instrumental, Rudimentos de matemática e Arte da Guerra;(cf. RESENDE FILHO, 2009 p. 27). na segunda etapa, os melhores serão selecionados para o treinamento físico e militar durante o período de dois ou três anos; na terceira etapa os jovens que tiverem vinte anos de idade, depois de selecionados os melhores, serão aprofundados ao conhecimento matemático, os demais serão dedicados à formação militar; na quarta etapa, dos que tiverem trinta anos, escolhidos entre os melhores, estudarão dialética por um período de cinco anos; na quinta etapa, os melhores de trinta e cinco anos de idade, selecionados para governar, se tornam filósofos; por fim, aos cinquenta anos de idade os governantes filosóficos são completamente formados, podendo dedicar-se inteiramente à contemplação filosófica e, assim, ocupam os cargos públicos mais altos como dirigentes do Estado.

⁷ Platão cita os conhecimentos a serem aprendidos na juventude sobre tudo no passo 536d. Ai diz ele: "Portanto, desde crianças devem aplicar-se à ciência do cálculo, da geometria e da literatura e a todos os estudos que não-de preceder o da dialética." Neste trecho Maria Helena da Rocha Pereira traduz a expressão *pases tes propaideias* por "literatura".

4. ELEMENTOS FUNDAMENTAIS DA PEDAGOGIA PLATÔNICA PARA A PRÁTICA EDUCATIVA

Platão idealiza o filósofo “como educador do Estado e dos cidadãos, conferindo-lhe um papel central no funcionamento da cidade ideal, ampliando os ensinamentos de seu mestre e lançando as bases de seu próprio pensamento e pedagogia” (PAGNI, 2010), por uma sociedade ideal, justa e universal.

Platão apresenta as bases para os fundamentos da pedagogia: fundador da filosofia política ocidental, não estava suficientemente satisfeito com as práticas educacionais da Grécia, onde o conhecimento técnico era reservado para a elite. Para ele, o conhecimento deve ser responsabilidade do Estado - universal para ambos os sexos e com o objetivo de formar moralmente os cidadãos - a fim de que possam realizar suas virtudes.

A educação seria, por conseguinte, a arte desse desejo, a maneira mais fácil e mais eficaz de fazer dar a volta a esse órgão, não a de o fazer obter a visão, pois já tem, mais uma vez que ele não está na posição correta e não olha para onde deve, dar-lhe os meios para isso. (PLATÃO, 518d)

Podemos encontrar alguns sinais da pedagogia atual está baseada na filosofia central defendida por Platão, onde o conhecimento só será aprendido pelo aluno, se ele for instado a tentar respondê-lo; para isso ele precisa estar agitado, permitindo dialeticamente o aprendizado inerente a cada questionamento.

Virtudes, valores e moralidade são adquiridos por meio do conhecimento, segundo Platão. Pagni, afirma que o desenvolvimento das virtudes dos indivíduos deve respeitar:

sua natureza, ocorrendo no sentido de contemplar as qualidades necessárias para o bom funcionamento do Estado justo. Isso aconteceria, segundo ele, por meio da reforma da cultura e da educação de sua época, com vistas à constituição da justa Paideia. (PAGNI, 2010,).

O sistema educacional do filósofo acreditava que a formação do aluno começaria ainda antes do nascimento e deveria ser acompanhada pelo governo, onde as crianças não estariam mais com suas famílias, tendo educação musical, poesia, conhecimento da justiça, matemática, história e a ciência: “Desenvolver as potencialidades dos jovens, mulheres e cidadãos, segundo a sua natureza ou as suas aptidões individuais e as funções prescritas pela estratificação postulada pelo ideal de Estado” (PAGNI, 2010).

A finalidade da escola não é disseminar conhecimentos apenas como transmissão aos alunos, fazendo dele apenas um depósito ou armazenamento, mas deve refletir-se na

preocupação de formar, pelo conhecimento e sua organização, novos cidadãos capazes de renovar saberes, como o próprio Platão assim descreve “a educação não é o que uns apregoam que ela é. Dizem eles que introduzem a ciência numa alma em que ela não existe, como se introduzisse a vista em olhos cegos” (Platão,518c). Em suma, a Academia, enquanto Platão viveu, baseava-se no pressuposto de que o conhecimento que pode tornar os cidadãos melhores não é algo que pode ser introjetado, mas um processo de conversão da alma para um âmbito que ela não está acostumada a considerar. Essa atividade educativa, assim considerada, melhora a vivência na pólis (cf. REALE, 1990 p. 22).

Quando os cidadãos são jovens, depois de equilibrar a força muscular e o equilíbrio da alma, eles seriam testados para ver quais carreiras deveriam seguir. Os reprovados seguiam a carreira militar, como nas palavras de Pagni (2010), “a educação da alma e do corpo, por meio daqueles bens ou daquelas atividades culturais, que dão início ao programa educacional elaborado por Platão”.

Este é o coração e o propósito de toda educação: promover uma mudança qualitativa na situação de um padrão de vida inferior para um superior, sinônimo de vida genuinamente humana. Por outro lado, ele também deve aprender que a política não pode ser justa se estiver a serviço da ignorância. Tal mudança de situação só é possível para quem já saiu da caverna e volta trazendo sua experiência, o filósofo (cf. TEIXEIRA, 1999 p. 32).

Platão acreditava que os indivíduos inconscientes estão à margem das sombras, vivendo na ilusão e na ignorância. A curiosidade seria o motor do conhecimento das coisas e um agente virtuoso e moral para viver em sociedade. Assim, uma das principais contribuições do filósofo à educação que conhecemos hoje, é o caráter do se atingir o conhecimento através da prática formativa.

Platão propõe em sua obra *A República* uma educação para todos os cidadãos da pólis. A educação, portanto, torna-se coletiva. Não é mais uma educação individual, no caso um tutor, mas sim uma educação coletiva, aberta à comunidade. Essa passagem da educação individual para a educação em grupo exigirá uma institucionalização da educação, pois a socialização da educação exigirá uma instituição correspondente que a coordene (cf. TEIXEIRA, 1999 p. 22).

Encontramos uma educação centrada no princípio de que, ao longo do processo de conhecimento, o indivíduo passa a ter autonomia na vida social e política. Ainda no sistema educacional, o educador é o responsável por estimular a mudança no indivíduo, desde Platão até hoje, é o principal desafio: libertar os indivíduos da ignorância, construir conhecimentos. Nesse sentido Teixeira (1999) diz que “a educação apresentada na alegoria da caverna, tem o

papel sobretudo de tirar o homem de seu estado de alienação”. Sendo assim, a educação liberta.

A educação platônica é sinônimo de cultura e libertação da ignorância, permitindo ao indivíduo pensar, agir e compreender o mundo ao seu redor. A educação formava o caráter dos cidadãos, transformando-os em pessoas de virtudes morais, vivendo em um estado de retidão.

A influência dos pensadores gregos está na formação e implantação das escolas filosóficas de Atenas, nas quais tinham um programa escolar, que buscava gerar conhecimentos capazes de fazer dos indivíduos bons cidadãos. Tratava-se de um projeto consciente em que quanto mais pessoas estivessem em contato com a educação, a vida de cada um estaria mais em sintonia com as leis da pólis e com o cotidiano como um todo. Por isso, dos governantes da cidade como da comunidade em geral, devem formar mentes pensantes e titulares do conhecimento. Segundo Teixeira (1999), “quando Platão insiste que a coletividade deve ser regida por amantes da sabedoria, vale dizer que esse ideal permanece um desafio e um horizonte a ser buscado em todos os momentos e para todos os seres humanos”.

Embora ainda haja muito a ser revelado sobre o que foi escrito, sua contribuição está nas inquietações que o conhecimento desperta em quem busca a educação, como o indivíduo consegue sair da cegueira, da ignorância e das armadilhas dos discursos preconceituosos. Desse modo, essa capacidade para o discernimento se dá somente através da educação.

4.1 REFLEXÕES SOBRE O PAPEL DA GINÁSTICA, COMO EDUCAÇÃO PARA O CORPO, NA PRÁTICA EDUCATIVA SEGUNDO PLATÃO.

Dentro do contexto educacional filosófico Platão apresenta a ginástica⁸ enquanto mecanismo educativo. Na República são apresentadas duas propostas: a ginástica da coragem e da temperança. A primeira seria voltada para as táticas de guerra e a segunda seria para os cidadãos comuns, tendo em vista o equilíbrio do corpo. Ambas objetivam reeducar o corpo e a alma, no sentido de criar novas rotinas de vida para o ser humano, levando-o a refletir sobre a educação destes dois aspectos do cidadão, corpo e alma, se relacionam. Segundo Araújo

⁸ De acordo com o "Novo Dicionário Português-Português", o termo "ginástica" deriva do grego ginásio, e seu significado é "uma arte ou o ato de se exercitar para fortalecer o corpo e dar-lhe agilidade. Para tanto, está no chão ou uma série de exercícios físicos sistemáticos com o auxílio de aparelhos, e usados para educação, competição, terapia e outros fins". Na "Enciclopédia Britânica", a ginástica é definida como "sistema de exercício físico para promover o desenvolvimento físico ou esportivo".

(2017) “pouca importância até hoje foi dada à função da ginástica na educação proposta por Platão na República”.

Nesse sentido, a compreensão da ginástica requer uma reflexão sobre os parâmetros que devem ser alcançados pela educação, para Platão (376e) “Qual será então a educação? Ou será difícil descobrir melhor do que descobrimos ao longo de muito tempo? Em suma é a ginástica para o corpo e a música para alma”. A análise da função educativa da ginástica torna-se extremamente importante, uma vez que o cuidado com o corpo não pode ser considerado uma mera consequência do cuidado com alma (BURNYEAT, 1977).

No que se refere a ginástica da temperança pode-se destacar as seguintes características: possui um viés autoeducativo diferente do que ocorre na poesia, requer uma rotina pessoal de habitualidade física, trata-se de uma prática não especializada (ARAÚJO, 2017).

Compreendidas as características desta ginástica, segundo a perspectiva de Platão, ressalta-se que ela tornou-se uma revelação cultural em que o movimento humano é o cerne. A habitualidade da ginástica demonstra para o aluno que a constância esportiva ocasiona mudanças corporais e hábitos que, além de saudáveis, também são educativos. E se para Platão a ginástica ainda não era uma prática especializada para moldar o corpo, na atualidade se apresenta um cenário diferente, pois, a ginástica da temperança pode ser compreendida como prática cultural, social, esportiva e científica, posto que faz parte do atletismo e da própria educação física enquanto ciência e disciplina (FIGUEIREDO; HUNGER, 2010).

Outro conceito apresentado é o da ginástica voltada para a coragem, está associada a alma, porque conseguir treinar a alma para obedecer aos princípios racionais, é conseguir superar os limites que envolvem a dor e o prazer. Nesse sentido, a ginástica da alma leva a resistência psicológica e ao pensamento racional, mantendo a integridade dos mandamentos que constituem o cerne educacional (Platão,442b). Assim, dentro do contexto da *República*, a coragem pode ser explícita quando os guardiões da cidade exercem sua função corretamente, controlando os ímpetos e desenvolvendo a obediência à razão.

No que se refere à coragem individual, segundo Araújo (2017), "depende da conciliação entre as educações ginástica e filosófica". Neste sentido, os indivíduos que fossem educados dentro de uma determinada doutrina ou legislação, quando fosse realocado, deveriam seguir a nova lei do posto. Por outro lado, Péricles não concordava com esta

premissa de Platão. Pois, para Péricles⁹, de acordo com Araújo (2017), a utilização da ginástica como um mecanismo de contra-ataque não deveria ser utilizada em todos os confrontos, corroborando para este pensamento, conforme demonstrou Tucídides:

Sobre a educação, enquanto eles [os Lacedemônios] desde muito jovens **exercitam-se com esforço para tornarem-se corajosos**, nós mantemos o regime maleável, sem com isso deixarmos de nos igualar a eles no enfrentamento dos perigos (...) **Se então preferimos** encarar o risco **por meio da amenidade**, ao invés do exercício do esforço, por meio da coragem do caráter, ao invés da lei, isso não nos torna superiores? Afinal, não antecipamos a dor futura e, ainda assim, quando chega a hora, não somos mais covardes do que aqueles que se extenuam sem cessar. É por isso que nossa cidade é digna de admiração tanto na guerra, quanto na paz. Somos amantes do belo com simplicidade e da sabedoria sem debilidade (*philosophoûmen áneu malakías*). (TUCÍDIDES, História da Guerra do Peloponeso, II,39.2-40.1)

Nos destaques da citação é possível perceber um reforço de Péricles à ginástica da coragem de Platão, mas, também uma oposição no sentido de compreender que existiria uma maleabilidade durante o enfrentamento dos perigos, e que haveria uma escolha senão aquela que envolvesse o exercício da ginástica da coragem, mas, sim o da temperança. Quando se apresenta este contraponto demonstra-se que desde o período platônico existiam contra teses, e na atualidade educacional, a existência de posicionamentos diversos é o que constrói o cerne da ciência, é através d questionamento que a educação na atualidade se fundamenta.

Assim, as contribuições platônicas a respeito da ginástica, enquanto mecanismo educativo, demonstrou que o corpo e alma devem estar alinhadas dentro do processo educacional. A existência de uma rotina, de controle dos instintos e da compreensão de que a habitualidade fará a diferença é essencial dentro da *República* de Platão, tornando assim esta obra essencial para compreensão de que o processo educacional requer dedicação, habitualidade, constância e que também há espaço para questionamentos e para uma escolha em aprender ou não aprender, isso porque a ginástica não pode ser imposta ao aluno, ela deve ser praticada e torna-se um regime de vida.

4.2 REFLEXÕES SOBRE O PAPEL DA MÚSICA, COMO EDUCAÇÃO PARA A ALMA, NA PRÁTICA EDUCATIVA SEGUNDO PLATÃO

⁹Péricles (490-429 a.C.) foi um político ateniense. Filho de rica e aristocrática família ateniense, seu pai, Xantipo foi um dos líderes gregos que derrotou os persas em Mícale, sua mãe, Agarista, era sobrinha de Clístenes um dos mais importantes legisladores de Atenas, que instituiu o ostracismo (exílio).

A música, nos diálogos Platônicos, sempre teve uma grande relevância, uma vez que ela tem um papel divino para os gregos, posto que é necessária para o equilíbrio da alma. Desta maneira vemos, na obra *A República* de Platão, um diálogo entre Sócrates e Adimanto, discutindo sobre o papel da música¹⁰. Tal diálogo mostra que a música pode atingir as almas dos cidadãos mais profundamente, e pode transformá-las em boas ou más. O uso correto da educação musical pode acalmar a irritabilidade, afastar os maus espíritos e também atrair boas virtudes, coragem, ordem da alma e até mesmo justiça (SILVA, 2017).

Neste momento faz-se necessário resgatar um discurso que aparece na obra platônica *O Banquete*. O discurso de Erixímaco compara a medicina com a música: a primeira deve fazer existir a harmonia entre as forças físicas antagônicas, e a segunda deve combinar tons altos e baixos para formar uma sinfonia. A ideia de harmonia se faz presente no intuito de demonstrar que a música deve misturar e combinar acertadamente os tons altos e baixos para formar uma sinfonia. (JAEGER, 2001)

A música deve misturar e combinar acertadamente os tons altos e baixos para formar uma boa sinfonia. Para fazer estas relações fundamentais entre os tons e os ritmos, com vistas à compreensão de uma boa sinfonia, necessitamos de boa melodia que se faz com três elementos: as palavras, a harmonia e o ritmo. A composição (a palavra), o ritmo e a harmonia devem estar associados da melhor forma para que a música seja capaz de penetrar da melhor forma a alma do ouvinte.

Para os gregos havia uma escala de harmonias ou modos musicais semelhantes às nossas notas musicais, tanto que se fazia presente nos cantos quanto nos poemas narrados na Grécia antiga. Platão traz à tona no texto da República os modos musicais, como a Mixolídia, a Sintonolídia e outros. No Dicionário mítico-etimológico (2014), a Mixolídia caracteriza-se por ser um modo musical misto, ou seja, é uma fusão da relação intervalar do segundo tetracorde do modo lídio com o primeiro (ou segundo) tetracorde do modo dórico. Na Sintonolídia (lídia), o modo lídio forma-se estabelecendo como tônica a quarta nota da escala diatônica, podendo ser classificado como um modo maior, possui, então, a seguinte relação intervalar: hipolídia, frígia, hipodólia ou iônia. Sendo estes os outros modos musicais pertencentes a esta escala que Platão não traz para a discussão.

¹⁰ Vale ressaltar que a palavra "música" em grego significa literalmente "a arte da musa" e se refere a toda arte sonora, incluindo canto, fala e letras. Assim como a física é o estudo da física ou a ética é o estudo do espírito, a música é a arte e o conhecimento de Mousse, então a "arte do som" é apenas um exemplo de música, junto com a literatura e a história. Portanto, o estudo da música incluirá literatura e canto (cf. VICENTE, 2014).

A função dos modos é harmonizar as composições. Na escala mista temos a iónica e da lídia, a que chamamos de efeminadas, pois com seu tom podem, sem dúvidas, ser ensinadas aos guerreiros, de modo que seja sempre introduzido na educação a experiência da música. Isso porque o acesso aos modos musicais e aos instrumentos são necessários para aprimorar o conhecimento junto a música. Por isso, Platão insiste na educação pela música para todos os cidadãos.

Do argumento de que a música é uma forma de autoeducação, podemos concluir que a ginástica não é apenas acidental depois da música (376e). Platão soube quebrar a tradição quando os padrões atuais lhe pareciam faltar motivos. Os meninos costumam ir à academia aos sete anos, mas ouvem poesia de suas amas desde a infância (377a), o que não basta para convencê-lo que este é o melhor curso de ação. A ginástica supõe a formação do discernimento que se forma a partir da educação poética (cf. VICENTE, 2014).

Portanto, a melhor ginástica é a irmã da música simples e sóbria (404b), que por sua vez é uma espécie de ginástica que não só tem as menores mudanças de ritmo e harmonia (397b), mas também visa uma personalidade sóbria (397d). Em relação a este último, no Livro X, que é caracterizado pela estabilidade, calma e compostura ao enfrentar o ambiente externo (603e, 604b-c e 605d-e). Esse tipo de música se baseia no seguinte princípio: a imitação deixada na infância acabará por estabelecer hábitos e natureza (395c-d) relacionados ao corpo e som (cf. SILVA, 2017 p. 20).

Tais hábitos, associados à educação tendem a elevar a alma e permitir que o cidadão se harmonize consigo, e tenha um crescimento elevado. Em detrimento a isso é possível perceber o incentivo à educação musical desde os primeiros dias de vida, uma vez que em contato com a melodia e com as harmonias sonoras, o bebê já responde a estímulos desde a barriga da mãe. E como parte do currículo, às novas gerações devem ser inseridas no estudo da música. Isso está associado também à ampliação da linguagem e fortalecimento do convívio mútuo, tanto defendido por Platão.

4.3 AS CIÊNCIAS MATEMÁTICAS¹¹ COMO PROPEDEÚTICA PARA A FILOSOFIA

No livro *A República* Platão discute criticamente aspectos relacionados ao método da matemática e ao status da epistemologia em dois momentos. A primeira parte do sexto livro,

¹¹ Fundamentalmente Aritmética, Geometria, Astronomia.

o famoso parágrafo da linha dividida (509d-511e), e na segunda parte do sétimo livro, ao descrever o plano de estudo preparatório dialético (521c-534e), levando em conta o que Platão disse em outras ocasiões. No entanto, o conteúdo da crítica de Platão é surpreendente. Na Linha dividida, a disciplina matemática é descrita como uma forma intermediária de conhecimento entre as hipóteses e a dialética, sendo esta última o único conhecimento digno do status de ciência legítima.

O modo de operação da matemática coincide com o modo de operação da dialética, uma vez que ambas operam com hipóteses. Mas a matemática parte de hipóteses para conclusões, uma vez que as hipóteses dão sentido aos resultados. A filosofia também se utiliza de hipóteses, contudo o dialético não considera sua hipótese como princípio de dedução, mas sim como ponto de partida ou de apoio, para chegar aos princípios, sem utilizar-se de imagens, como fazem os matemáticos.

Para alcançar esse princípio, nenhuma imagem ou objeto sensível é utilizado, mas apenas ideias das hipóteses aos princípios. À primeira vista, o escopo da descrição de Platão não é claro, mas, compreendendo um pouco dos modos como os matemáticos procedem em seus processos de demonstração das proposições, torna-se claro o que ele pretende dizer

Afinal, seja na época de Platão ou hoje, as ciências matemáticas partem de “princípios” que não procuram justificar. No entanto, do ponto de vista matemático, isso pode ser explicado pelo fato de que essas hipóteses são consideradas autoevidentes. Da mesma forma, a geometria usa as imagens ou figuras que desenhou na areia ou no quadro-negro para demonstrar, mas não apóia seu raciocínio sobre essas mesmas imagens, e sim com base nos conceitos abstratos que elas representam.

Essa distinção é muito familiar à geometria. Qualquer geômetra sabe muito bem que a precisão de seu desenho é irrelevante, desde que mantenha a consistência com o que determinou no início. Vamos suspeitar que há algo mais por trás da descrição de Platão. Ao contrastar a maneira como a matemática e a dialética procedem, ambas partindo de “hipóteses”.

A diferença está na dialética. Diferentes matemáticos não consideram suas hipóteses como o ponto de partida da dedução, mas em sentido oposto, é em direção ao princípio de não mais reconhecer hipóteses, isto é, o princípio da não hipótese. Portanto, a compreensão da dialética é mais compreensível do que aquela obtida pela matemática.

Uma vez, portanto, que o método matemático trabalha com o sensível em vista do inteligível, a matemática funciona como propedêutica para a filosofia, posto que a filosofia se

utiliza de hipóteses para apoiar o seu raciocínio, da mesma forma que os matemáticos se utilizam delas para organizar o pensamento, mas tem em vista não apenas as conclusões que aquelas hipóteses podem justificar, mas os princípios que lhes dão fundamento.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra *A República* traz a ideia de construção de uma sociedade ideal, onde se possa sair do julgo de um ditador em direção a uma *República* justa, igualitária, livre, etc. Tal objetivo só pode ser alcançado, segundo todo o percurso dialógico de Platão nesta obra, através da educação dos cidadãos da *pólis*.

Segundo Platão “a educação não é o que alguns apregoam que ela é, dizem eles que introduzem a ciência numa alma que ela não existe, como se introduzisse a vista nos olhos cegos” (518b). Percebe-se que a educação acontece por meio de um processo, em que é necessária uma abertura de modo a assimilação desse conhecimento.

A educação aparece como algo que traz equilíbrio ao cidadão. O conhecimento próprio e o conhecimento além de si conduzem ao equilíbrio para não viver uma solidão que não possa ampliar seus horizontes, por isso a necessidade de um caminho para atingir o conhecimento.

Os ideais formativos de Platão constroem uma ideia de educação para a liberdade, o que contemporaneamente também foi refletido por Paulo Freire. A ideia de uma educação não bancária, que Freire retrata em sua obra “*Pedagogia da Autonomia*” (1996), já estava de certo modo presente na concepção de educação de Platão. Essa ideia tem como princípio não colocar os educandos como depósitos dos conhecimentos de seus tutores/professores, mas sim como agentes ativos no processo educacional, despertando o educando a partir do conhecimento que ele já possui, para a conquista do conhecimento ainda não vislumbrado. De fato Platão diz “A educação não é a arte de interferir vista à alma, pois vista ela já possui; mas, por ela mal dirigida, e olhar para o que não deve, a educação promove aquela mudança de direção”(Platão 518b-d) Em um tom semelhante afirma Paulo freire: “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua produção ou a sua construção” (FREIRE, 1999, p. 25). A diferença consiste fundamentalmente no fato de que para Platão o processo de conhecer se constitui como uma descoberta da alma ao voltar seus olhos para o âmbito do

inteligível. Ao passo que para Paulo Freire o conhecimento se constitui no processo de construção social a partir do que o sujeito de algum modo já conhece. Além disso é importante ressaltar que o pensamento educativo de Paulo Freire está orientado por uma concepção política e democrática. Platão esta contudo orientado por uma concepção política aristocrática.

Pode-se dizer aqui que uma das principais contribuições de Platão é um ideal de educação com qualidade para todos, que forma pessoas mais humanas, com justiça, construindo uma sociedade na qual o coletivo, a moral, a ética e o conhecimento são as fundações para treinar indivíduos críticos.

Dito isso, ao fazer as reflexões sobre os ideais formativos de Platão para a educação, a partir dos conceitos fundamentais presentes na obra *A República*, reflete-se que o que temos agora como modelo educacional se parece muito com a ideologia do dever: deveria ter uma sociedade justa, moralmente correta, com indivíduos morais e atuantes no âmbito do Estado, que, por sua vez, deveria ser justo, em toda a educação. No entanto, o que vivemos são lacunas em todas as esferas do Estado e da sociedade em geral, nas quais se perde no conceito de educação, de conhecimento. Essa degradação do sistema educacional, ético e político é o resultado de um sistema falho, no qual as grandes massas são passivas.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Metafísica**. trad. Valentín García Yebra. 2 ed. Madrid: Gredos, 1998)
- ARAÚJO, Carolina. **A função educativa da ginástica na República de Platão**. Filosofia e Educação [RFE]. V.9. N.1. Campinas SP. P.131-164. 2017.
- AUBENQUE, Pierre. **Platão, a República**: livro VII (prefácio). Apresentação e comentários de Bernard Piettre, Brasília: Universidade de Brasília, São Paulo: Ática, 1989.
- BRANDÃO, Junito de Souza Brandão. **Dicionário Mítico-Etimológico**. São Paulo: Vozes, 2014.
- BURNYEAT, M. F. **Culture and Society in Plato's Republic**. The Tanner Lectures on Human Values. Salt Lake City: University of Utah Press, 1999, 215-324.
- DIÓGENES LAËRTIOS. **Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres**. trad. Mário Gama Kury. 2 ed. Brasília: Editora UNB, 2008.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo, Editora Ática, 2003.
- CORNELLI, G & LOPES, R. (org.). **Platão**. São Paulo: Pulus/ Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018.
- FIGUEIREDO, Juliana Frâncica. HUNGER, Dagmar. **O conhecimento histórico das ginásticas sob óptica de programas acadêmicos e professores da educação física**. UEP Universidade Estadual Paulista. Rio Claro. 2010.
- GUTHRIE, W. K. C. **Os Sofistas**. Tradução, João Rezende Costa. São Paulo; Paulus, 1995.
- JAEGER, Werner Wilhelm. **Paidéia**: a formação do homem grego. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- LOPES, D. R. N. **Protágoras de Platão**: obras III. 1 ed. São Paulo: Perspectiva/ FAPESP, 2017.
- MARQUES, M. P. Aparecer e imagem no livro VI da República. In: PERINE, M. (Org.). **Estudos Platônicos**: Sobre o ser e o aparecer, o belo e o bem. São Paulo: Loyola, 2009. p. 137-166.
- PLATÃO. **A República**. Tradução Maria Helena da Rocha Pereira. 15. Ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2017.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa**. 12 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999, p. 25.

REALE, Giovanni. **Para uma nova interpretação de Platão:** Releitura da metafísica dos grandes diálogos à luz das “Doutrinas-não-escritas”. Tradutor Marcelo Perine, São Paulo, Edições Loyola, 1997.

RESENDE FILHO, Edson Peixoto de. **A interpretação de Pierre Aubenque dos usos filosóficos da analogia em Platão.** Revista O que nos faz pensar, nº24, outubro de 2009.

SILVA, Fernando Maurício da. **A República de Platão:** Uma introdução à filosofia. 1 ed. – Guarapuava: Apolodoro Virtual Edições, 2017.

SOUSA, Maria Celeste de. **Considerações sobre o bem em Platão.** Revista Eletrônica de Filosofia. Faculdade Católica de Pouso Alegre. Vol. V. Nº 13. 2013.

SPINELLI, Miguel. Questões Fundamentais da Filosofia Grega. São Paulo. Loyola, 2006, p. 278ss.

SZLEZÁK, Thomas Alexander, **La Idea Del Bien como arché en la República, in Los Símbolos de la República VI-VII de Platón,** in *Revista etc.* Pontificia Universidad Católica del Perú, Fondo Editorial, 2003, p.

VICENTE, José João Neves Barbosa. **O papel da educação na República de Platão.** Kínesis, Vol. VI. nº 11. p. 215-224. 2014.